

Radcliffe- Brown

Organizador Julio Cezar Melatti

ANTROPOLOGIA

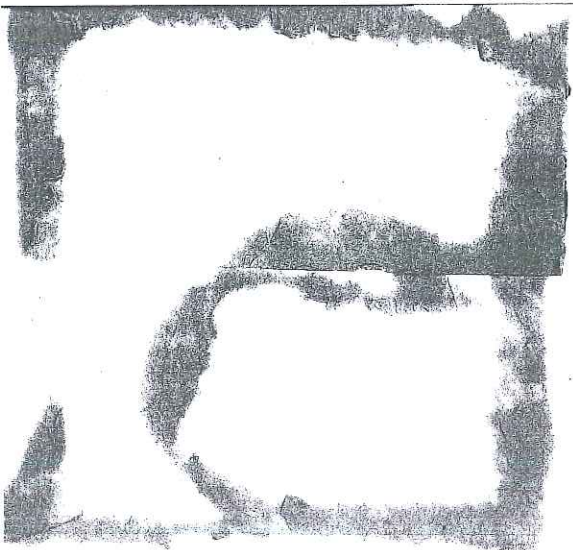


editora alfa

T 113866
BO 216276

2.ª edição

182.642,



306,
R125a
1995
a. id
e3
C6

Impressão
Gráfica Pallas Athena

ISBN 85 08 05293 6

1995

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.
R. Barão de Iguaçu, 110 — Tel.: PBX 278-9322 (50 Ramais)
C. Postal 8656 — End. Telefônico "Bomlivro" — S. Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO,	7
TEXTOS SELECIONADOS,	41
1. O método comparativo em Antropologia Social,	43
2. Sistemas africanos de parentesco e casamento,	59
3. Organização social das tribos australianas,	162
ÍNDICE ONOMÁSTICO,	195



Alfred Reginald Radcliffe-Brown nasceu em Birmingham, Inglaterra, a 17 de janeiro de 1881, e morreu em Londres, em 1955. Fez seu curso secundário na King Edward's High School, em Birmingham. Após um ano de curso pré-médico, em Birmingham, ganhou uma bolsa (*scholarship*) no Trinity College em Cambridge, em 1901, e a manteve até 1906, aí fazendo seus estudos universitários. Pretendia fazer o curso (TRIPOS) de Ciências Naturais, mas, aconselhado por seu orientador, optou pelo de Ciência Mental e Moral. Nessa época, a Economia e a Psicologia Experimental faziam parte desse curso e, assim, Radcliffe-Brown teve uma boa formação em ambas. Em 1904 colou grau com honra de primeira classe e distinção especial. Ainda no seu período de graduação, devido ao estudo de Psicologia Experimental, entrou em contato com W. H. R. Rivers. Através deste, Radcliffe-Brown estabeleceu contato com a Antropologia e também com outro antropólogo: A. C. Haddon. E assim passou a estudar Antropologia com ambos. Em 1905, participou de uma reunião da British Association for the Advancement of Science, realizada no sul da África, como um dos secretários da Seção H, da qual Haddon era presidente. Em 1906, foi escolhido como Anthony Wilkin Student in Ethnology, e nessa qualidade partiu para fazer pesquisa entre os nativos das ilhas

Andaman, no golfo de Bengala. Retornou em 1908. Foi então escolhido para receber uma bolsa (*fellowship*) do Trinity College, que manteve até 1914. Como bolsista, redigiu sua tese sobre os nativos das ilhas Andaman. Nos anos de 1909 e 1910, foi professor (*reader*) de Etnologia na London School of Economics, onde deu aulas sobre os aborígenes australianos e sobre o *polatchi* , instituição dos índios da costa do Pacífico da América do Norte. Deu também um curso de leituras sobre Sociologia Comparativa, em Cambridge. Nessa época, visitou a França e entrou em contato com Durkheim e Mauss. Tendo sido escolhido novamente como Anthony Wilkin Student, viajou para a Austrália em 1910, com o fim de realizar pesquisa entre os aborígenes, retornando em 1913 à Inglaterra.

Realizou-se em 1913 nova reunião da British Association for the Advancement of Science. Sir Richard Temple, presidente da Seção H, dedicou a maior parte de sua locução presidencial a exortar que se estendesse o ensino da Antropologia pelas universidades, e propôs que a Universidade de Birmingham tomasse a liderança do movimento. Dada a utilidade da Antropologia para os missionários, os administradores, os comerciantes, argumentava Temple que Birmingham era o lugar adequado para seu ensino, uma vez que constituía um centro comercial com conexões com o mundo inteiro. A Universidade de Birmingham reagiu bem ao apelo, convidando Radcliffe-Brown para ministrar um curso de leituras sobre Antropologia Social em dezembro do mesmo ano, que se estendeu até janeiro do ano seguinte. Suas aulas receberam a cobertura da imprensa local. Em 1914, participou de uma reunião da British Association for the Advancement of Science realizada na Austrália, onde apresentou uma comunicação sobre o totemismo australiano. A doença o impediu de retornar à Inglaterra e de continuar seu trabalho de campo. Passou então a lecionar numa escola primária de Sydney. Em 1916, foi para as ilhas Tonga, no Oceano Pacífico, assumindo o cargo de Diretor de Educação. Aí permaneceu até 1919, quando se retirou por motivo de saúde. Dirigiu-se então para o sul da África e visitou a Basutolândia (atual Lesoto). Pouco depois era nomeado etnólogo do Transvaal Museum, em Pretória, onde se ocupou quase totalmente com tecnologia e Antropologia Física.

Nesse tempo, o crescimento industrial e urbano da África do Sul começava a provocar o deslocamento de trabalhadores

negros para as áreas industriais. Nos círculos políticos e acadêmicos se fez notar a necessidade do estudo desapassionado dos povos nativos, e por isso foi criada a cadeira de Antropologia na Universidade da Cidade do Cabo. Radcliffe-Brown foi o primeiro a ocupá-la, o que fez em 1921. Era frequentemente convidado como orador de celebrações acadêmicas; fazia conferências e participava de reuniões públicas sobre questões educacionais ou de política social ligadas aos bantos. Aproveitava essas ocasiões para mostrar a necessidade do estudo sistemático da vida social das populações bantas, por pesquisadores adequadamente treinados, como base para uma política lúcida. Participou de cursos de férias, ministrados a missionários e administradores das reservas e outras pessoas que tinham suas atividades junto aos bantos. As aulas de Radcliffe-Brown nesses cursos foram elogiadas por um respeitado professor banto, D. D. T. Jabavu, num artigo de jornal. Durante sua permanência na África do Sul, Radcliffe-Brown fez duas visitas ao território do Transkei, onde se reuniu e discutiu com os administradores locais. Os jornais da África do Sul, que várias vezes deram cobertura a suas atividades, lamentaram quando Radcliffe-Brown deixou a Universidade do Cabo para ir trabalhar na Austrália, acusando o governo de ter uma atitude mesquinha com relação à ajuda financeira ao ensino e pesquisa antropológicos.

O Pan-Pacific Science Congress, realizado em Melbourne e Sydney, em 1923, havia recomendado a criação urgente de uma cadeira de Antropologia, com o objetivo de organizar a pesquisa na Austrália, Nova Guiné e Melanésia, treinar pesquisadores, preparar funcionários administrativos e missionários e dar cursos para estudantes universitários. O Conselho Nacional de Pesquisas Australiano, representando a Pan-Pacific Science Association, obteve a cooperação da Universidade de Sydney, dos governos estaduais, da Commonwealth e da Fundação Rockefeller, a qual concedeu grande auxílio de pesquisa. E assim, em 1926, Radcliffe-Brown deixa a África do Sul para ser o primeiro a ocupar a recém-criada cadeira de Antropologia na Universidade de Sydney. Durante sua permanência na Austrália, além dos estudantes, funcionários administrativos da Nova Guiné vieram seguir os cursos e chegou a haver mais de uma dúzia de pesquisadores em trabalho de campo. Radcliffe-Brown planejou e lançou a revista *Oceania*, destinada ao estudo dos nativos da Austrália, Nova Guiné e ilhas do Pacífico. Apesar do florescimento dos

estudos antropológicos na Universidade de Sydney, Radcliffe-Brown a deixa em 1931, em parte devido a desavenças com o Conselho Nacional de Pesquisas quanto à maneira de melhor administrar a investigação e o ensino antropológicos. Ainda em 1931 assume, na Universidade de Chicago, o cargo de professor de Antropologia. Antes de iniciar seu trabalho em Chicago, esteve em Londres, onde a British Association for the Advancement of Science realizava a reunião comemorativa de seu centenário. Aí Radcliffe-Brown pronunciou seu discurso como presidente da Seção de Antropologia. Em Chicago, não se ocupou de atividades administrativas, de modo que teve mais tempo para ensinar e escrever. Sua permanência nos Estados Unidos foi interrompida por um certo tempo que passou como professor visitante em Yenching, na China (1935-36). Nos Estados Unidos foi ouvido como um renovador, incentivando a estudar as sociedades indígenas sob um outro prisma. A estima de seus colegas e alunos em Chicago é atestada pelo volume que lhe dedicaram (EGGAN, 1937) quando deixou a Universidade em 1937. Radcliffe-Brown foi então ocupar a cadeira de Antropologia (que acabara de passar da categoria de *readership* para a de *professorship*), em Oxford, o que equivalia também a se tornar Fellow of All Souls College. Radcliffe-Brown interrompeu suas atividades na Inglaterra para vir ao Brasil (1942-44), como professor visitante da Universidade de São Paulo (na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo). Tratava-se de uma missão empreendida sob os auspícios do Conselho Britânico para manter uma ligação cultural entre a Grã-Bretanha e a América do Sul. Essa missão por pouco não se teria realizado, pois o comboio em que Radcliffe-Brown embarcara foi atacado por forças inimigas, tendo de voltar à Inglaterra pouco depois de sair.

O mercado de trabalho na Inglaterra não era favorável aos antropólogos e só iria melhorar depois da guerra, com os planos de desenvolvimento econômico e social nas dependências asiáticas e africanas da Inglaterra e seus aliados. Em 1946, Radcliffe-Brown renuncia à cadeira de Antropologia Social de Oxford e é imediatamente convidado para estabelecer o Departamento de Sociologia da Universidade Farouk I, em Alexandria. Em 1950, foi escolhido Simon Visiting Professor da Universidade de Manchester. Em seguida, voltou à África do Sul, onde foi pesquisador (*research fellow*) e logo depois professor visitante na Rhodes University, em Grahamstown. Já então estava bastante doente

dos pulmões e, ainda que tenha se recobrado de um tombo, em que quebrou algumas costelas, em 1954, isso agravou sua moléstia. No mesmo ano retornou à Inglaterra. Em janeiro de 1955, a Association of Social Anthropologists realizou uma reunião. Radcliffe-Brown levantou-se do leito de um hospital de Londres para presidir-la e ficou emocionado com a ovação que recebeu dos antropólogos, entre os quais se encontrava grande número de jovens com quem nunca tivera contato. Faleceu em 24 de outubro do mesmo ano.¹

Radcliffe-Brown desde cedo se afastou da orientação de seus mestres. Um deles, Haddon, tinha interesse pela Antropologia Física, tecnologia e arte primitivas, áreas para as quais Radcliffe-Brown não era muito inclinado, ainda que tenha se valido dos conhecimentos adquiridos nesse âmbito quando fez sua pesquisa nas ilhas Andaman e quando trabalhou como etnólogo do Transvaal Museum. O outro, Rivers, além de se dedicar à Psicologia Experimental, tinha grande interesse em parentesco e organização social, tendo desenvolvido o método genealógico de pesquisa de campo. Sem dúvida, parentesco e organização social constituíam temas do agrado de Radcliffe-Brown. Mas Rivers, como a maioria dos antropólogos de seu tempo, abordava os costumes dos povos que estudava de maneira a explicar suas origens, baseado simplesmente em conjecturas. E foi com essa orientação teórica que Radcliffe-Brown partiu para as ilhas Andaman a fim de coletar os dados que serviriam à elaboração de sua tese. Ele mesmo nos conta, no prefácio que escreveu para a edição de 1933 de *The Andaman Islanders*, que sua primeira intenção, ao iniciar o estudo dos habitantes de Andaman, era fazer, a partir do exame dos caracteres físicos, da língua e da cultura, uma reconstrução hipotética da história dos andamaneses e dos negritos em geral. Mas pouco a pouco se convenceu de que os métodos disponíveis para tal tipo de reconstrução somente em casos muito raros levavam a conclusões demonstráveis, e que essa história especulativa não podia dar resultados significativos para a compreensão da vida e da cultura humana. Ao que parece, Radcliffe-Brown só mudou de orientação depois da apresentação de sua tese que, segundo Fortes (1956: p. 149),

¹ Até aqui utilizamos dados constantes em FORTES, 1956 e 1963 (Republicação de FORTES, 1949. New York, Russel & Russel Inc.); ELKIN, 1956; e RUBIN-MÜLLER, 1944.

era sobretudo descritiva, incluindo uma parte sobre tecnologia, que depois foi publicada como apêndice em *The Andaman Islanders*, estando ele ainda seguindo de perto os métodos de Haddon e Rivers. Na verdade, no referido apêndice, Radcliffe-Brown, partindo do fato de que os andamaneses, os semangues da península de Malaca e os negritos das Filipinas têm características físicas muito semelhantes, supõe que eles têm uma ascendência comum; e, portanto, compara as técnicas desses três povos para ver se é possível determinar a cultura de seus ancestrais comuns. Faz assim uma breve reconstrução da provável cultura técnica dos ancestrais dos três povos, mas observa que a confirmação de suas hipóteses só pode ser obtida quando se dispuser de maior informação sobre os semangues de Malaca e os negritos das Filipinas. Radcliffe-Brown, como ele próprio afirma, no já referido prefácio, apresenta esse apêndice como um exemplo daquilo que inicialmente pretendia. Entretanto, após ter apresentado a tese, passou a reescrevê-la, terminando a nova versão em 1914. Devido à Primeira Guerra Mundial, o trabalho só seria publicado em 1922. Essa versão final, que é o livro *The Andaman Islanders*, não mais apresenta um caráter historicista, mas nele já se sente a influência de Durkheim, que vai caracterizar, daí por diante, a obra de Radcliffe-Brown.

Em *The Andaman Islanders*, Radcliffe-Brown examina a organização social, as cerimônias, as crenças e os mitos dos habitantes das ilhas Andaman. Os primeiros capítulos são descritivos. A parte mais importante do livro está nos dois últimos, que constituem a interpretação dos ritos e dos mitos andamaneses. Para explicar os ritos, Radcliffe-Brown parte da seguinte hipótese de trabalho, que vale a pena transcrever:

"1) Uma sociedade depende, para sua existência, da presença, nas mentes de seus membros, de um certo sistema de sentimentos pelos quais a conduta do indivíduo é regulada de acordo com as necessidades da sociedade. 2) Cada aspecto do próprio sistema social e cada evento ou objeto que, de qualquer modo, afeta o bem-estar ou a coesão da sociedade, se torna objeto desse sistema de sentimentos. 3) Na sociedade humana, os sentimentos em questão não são inatos, mas sim desenvolvidos no indivíduo pela ação da sociedade sobre ele. 4) Os costumes cerimoniais de uma sociedade são um meio pelo qual os sentimentos em questão recebem expressão coletiva em ocasiões apropriadas. 5) A expressão cerimonial (isto é, coletiva) de qualquer sentimento serve

tanto para mantê-lo no grau necessário na mente do indivíduo como para transmiti-lo de uma geração para outra. Sem tal expressão, os sentimentos envolvidos não podem existir" (Radcliffe-Brown, 1964: p. 233-34).²

Essa hipótese inclui implicitamente dois conceitos básicos para a interpretação de Radcliffe-Brown: o de significado (*meaning*) e o de função social. Na primeira edição, Radcliffe-Brown dá como conhecido o sentido do termo significado, mas define-o posteriormente, no prefácio da edição de 1933:

"O significado de uma palavra, um gesto, um rito, está no que ele expressa, e isso é determinado por suas associações com um sistema de idéias, sentimentos e atitudes mentais" (*id.*, *ibid.* p. VIII).

Por outro lado, usa o termo função social

"para denotar os efeitos de uma instituição (costume ou crença) enquanto concretamente à sociedade e sua solidariedade ou coesão" (*id.*, *ibid.* p. 234),

como já diz na primeira edição, prolongando posteriormente suas considerações sobre o termo no referido prefácio. Por conseguinte, ao explicar um rito, é preciso primeiro encontrar seu significado, ou seja, os sentimentos que expressa, para depois identificar sua função social, mostrando como a sociedade depende da presença de tais sentimentos entre seus membros para poder existir. Mas como achar o significado dos ritos ou cerimônias? Para isso, Radcliffe-Brown toma como método as seguintes regras: 1) Ainda que as explicações oferecidas pelos nativos para um determinado costume constituam racionalizações raramente idênticas às causas psicológicas das ações que justificam, é preciso levá-las em consideração, pois o significado deve explicar não somente o costume como as razões que os nativos dão para segui-lo. 2) Quando um mesmo ou similar costume é praticado em diferentes ocasiões, tem o mesmo ou similar significado em todas elas. 3) Quando diferentes costumes são juntamente praticados numa mesma ocasião, há um elemento comum a todos eles. 4) Evitar, como enganosa e desnecessária, qualquer comparação de costumes andamaneses com costumes similares de outros povos (*id.*, *ibid.*, p. 234-35). Radcliffe-Brown passa então a

² As citações de *The Andaman Islanders* correspondem à edição de The Free Press of Glencoe, Illinois, 1964.

examinar cada rito andamanês, identificando os sentimentos que expressa e mostrando que tais sentimentos são necessários à manutenção da sociedade.

Quanto aos mitos, Radcliffe-Brown os interpreta do mesmo modo que os ritos, como ele próprio o diz:

"Tentei mostrar que a função dos mitos e das lendas dos andamaneses é exatamente paralela à do ritual e cerimonial. Eles servem para expressar certas maneiras de pensar e de sentir sobre a sociedade e sua relação com o mundo da natureza, e por esse meio manter esses modos de pensar e de sentir e passá-los às gerações sucessivas. Tanto no caso do ritual como do mito, os sentimentos expressados são aqueles essenciais à existência da sociedade" (*id.*, *ibid.*, p. 405).

Parece que Radcliffe-Brown manteve durante muito tempo essa maneira de abordar o estudo dos ritos, pois sua conferência sobre "Taboo", lida e publicada em 1939, realinha o mesmo modo de interpretá-los. Ainda em *The Andaman Islanders* se destaca a seguinte conclusão:

"Agora estaria evidente, espero, que os costumes cerimoniais das ilhas Andaman formam um sistema intimamente conexo e que não podemos compreender o significado deles, se somente considerarmos cada um por si. Isso eu considero uma conclusão muito importante, porque justifica o argumento de que devemos substituir o velho método de lidar com os costumes de povos primitivos — o método comparativo, pelo qual costumes isolados de diferentes tipos sociais eram reunidos e tiradas conclusões a partir de sua similaridade — por um novo método, pelo qual todas as instituições de uma sociedade ou tipo social são estudadas juntas, de modo a exibir suas relações íntimas como partes de um sistema orgânico" (*id.*, *ibid.*, p. 324).

Convém notar que o método comparativo que Radcliffe-Brown aqui condena (e que também condena no item 4 do já citado trecho referente às regras para encontrar o significado dos ritos) não é aquele que mais tarde proporia com esse mesmo nome. Provavelmente aqui se refere à maneira dos antropólogos do século passado e do início deste interpretarem os dados, reconstituindo a evolução ou a difusão de costumes e instituições, sem levarem em conta suas relações dentro dos sistemas sociais particulares de que os tinham isolado.

Logo após voltar das ilhas Andaman e apresentar sua tese, Radcliffe-Brown começou a ler o que havia sobre os aborígenes

australianos, preparando assim sua pesquisa de campo, entre eles. Visitou várias tribos na Austrália Ocidental em 1911, o baixo curso dos rios Murray e Darling por volta de 1914, e a parte setentrional de Nova Gales do Sul em 1929. À medida que colhia os dados etnográficos, referentes sobretudo à organização social, parentesco, ritos e totemismo, publicava-os em artigos que esboçam algumas das contribuições que ofereceria, em 1930-31, em "The Social Organization of Australian Tribes". Esse trabalho, que é uma tentativa de caracterização dos sistemas australianos com base nas informações então disponíveis, se baseia não só nos dados colhidos pessoalmente por Radcliffe-Brown, como também por seus alunos e colaboradores da Universidade de Sydney, e ainda na triagem dos dados deixados por pesquisadores mais antigos. Se bem que os andamaneses constituíssem várias tribos, Radcliffe-Brown, dada a semelhança entre seus costumes, descreve-os como se formassem uma só sociedade. Ao tratar dos australianos, age de modo diferente: admite explicitamente a diversidade das formas de organização social na Austrália e as examina como diferentes variedades de um único tipo geral. Nesse trabalho Radcliffe-Brown apresenta as características gerais desse tipo mais inclusivo no que se refere à família, à horda, ao clã, à tribo, às relações com os ancestrais míticos, espécies naturais e lugares sagrados e como esses elementos se organizam num sistema. No que tange ao sistema de parentesco, distingue dois tipos principais — o *kariera* e o *aranda* — apontando as pequenas divergências dos demais com esses. É interessante notar que, antes mesmo de visitar pela primeira vez a Austrália, baseado apenas na leitura da bibliografia então existente, Radcliffe-Brown conseguiu prever a existência do sistema *kariera* e a área em que poderia encontrá-lo: a Austrália Ocidental (RADCLIFFE-BROWN, 1930: nota 5, p. 46). Na segunda parte desse mesmo trabalho, ele apresenta um catálogo das variedades de organização social australianas. Chama a essas variedades de tipos, uma vez que cada tipo congrega várias tribos. Essa classificação não é puramente tipológica, mas também geográfica, uma vez que existe uma continuidade espacial entre as tribos do mesmo tipo; além disso, sobre alguns tipos a informação etnográfica é tão exígua que, das tribos que os constituem, pouco mais se sabe que sua posição geográfica. Esse trabalho teve o mérito de criticar, organizar e sistematizar os dados de que então se dispunha sobre a organização social das tribos australianas. Hoje se acha um tanto desa-

tualizado, pois já existem pesquisas de campo mais recentes sobre os aborígenes australianos, efetuadas por pesquisadores bem treinados, e novas sistematizações foram elaboradas.

Além do estudo de uma sociedade particular (a dos andamaneses) ou de um tipo de sociedade (a dos australianos) como totalidade, Radcliffe-Brown também se dedicou ao exame de determinadas instituições, comparando a maneira como se manifestam em cada sociedade. Entre as instituições que receberam maior atenção dele se contam o totemismo e o parentesco. O problema do totemismo sempre foi tratado por Radcliffe-Brown tendo por referência os fatos australianos. Em 1914 publicou seu primeiro artigo sobre o tema, admitindo que até então diferentes autores haviam discutido o problema de modo confuso, pelo fato de terem em mente, ao mesmo tempo, duas definições de totemismo. Uma delas, mais ampla, assim caracterizaria o fenômeno:

"Totemismo é uma relação mágico-religiosa específica e permanente entre uma pessoa ou um grupo social, de um lado, e uma espécie ou certo número de espécies de objetos naturais de outro" (*id.*, 1914b: p. 622-23).

A outra seria mais restrita:

"Totemismo é uma forma de organização social que consiste na divisão da sociedade em clãs, tendo cada clã uma relação mágico-religiosa especial com uma ou mais espécies de objetos naturais" (*id.*, *ibid.* p. 623).

Mostrando com exemplos concretos que pode haver uma relação mágico-religiosa entre uma espécie natural, de um lado, e uma pessoa, as pessoas do mesmo sexo, uma seção, uma subseção, uma metade, um clã, um grupo local ou uma associação, de outro, Radcliffe-Brown indica sua preferência pela definição mais ampla, argumentando que somente um exame e comparação cuidadosos dessa relação em todas as suas diferentes formas pode resultar numa explanação adequada desse fenômeno (*id.*, *ibid.*, p. 629). Assim, nesse artigo, Radcliffe-Brown parece admitir que o totemismo é um fenômeno passível de ser isolado, mas ainda à espera de uma explanação satisfatória. Já não mantinha a mesma opinião em 1929, em seu artigo sobre o totemismo na Austrália Oriental:

"A palavra totemismo foi útil no passado, mas pode-se bem perguntar se não sobreviveu à sua utilidade. Um termo como esse

é útil quando nos habilita a reunir e comparar fenômenos de um tipo geral, que ocorram em diferentes formas cu variedades em diferentes regiões; é oposto à utilidade, entretanto, quando isola esses fenômenos de outros fenômenos relacionados, e assim nos impede de considerá-los conjuntamente. O problema do totemismo é parte do problema mais amplo da relação entre o homem e a natureza no ritual e no mito, e deve sempre ser estudado com referência ao problema maior. Tem havido uma tendência a esquecer isso" (RADCLIFFE-BROWN, 1929c: p. 399).

E ainda, no final do artigo:

"Só alcançaremos uma compreensão do totemismo quando tivermos uma teoria satisfatória do problema muito mais amplo da relação no ritual e no mito entre o homem e a natureza nas sociedades menos desenvolvidas. Isso precisa ser estudado tanto nos povos não-totêmicos como nas sociedades totêmicas. E isso necessariamente envolve uma teoria geral da função social do ritual e do mito" (*id.*, *ibid.* p. 415).

No mesmo ano, em sua comunicação (*id.*, 1930h) ao Fourth Pacific Science Congress, ele repete mais ou menos as mesmas críticas; coloca o totemismo dentro de um problema mais amplo, que se resume na seguinte questão:

"Por que a maioria dos que são chamados povos primitivos adotam em seus costumes e mitos uma atitude ritual para com animais e outras espécies naturais?" (*id.*, 1952b: p. 129).

Mas ele parece fazer esforços em vão na procura de uma resposta. A pista para a solução do problema, Radcliffe-Brown começa a encontrá-la quase no final de sua vida, apresentando-a numa conferência que fez em 1951 sobre o método comparativo. Nessa conferência (*id.*, 1952a), incluída no presente volume, o totemismo não é o assunto principal, mas aparece num longo exemplo. Radcliffe-Brown modifica sua pergunta. Não mais indaga: por que uma atitude ritual para com os animais e outras espécies naturais? Mas agora pergunta: por que esta espécie oposta àquela espécie? A pergunta faz sentido porque Radcliffe-Brown está tomando como exemplo duplas de animais associadas a organizações duais. Esses animais se assemelham em algumas características e diferem noutras e isso é traduzido, nos mitos e ritos, em termos de solidariedade e litúgio, formando uma união de opostos. Em outras palavras, a razão da associação de determinadas espécies a segmentos sociais não está nas características de cada espécie, e sim na relação entre as características de uma

espécie com as de outra. A contribuição desse artigo para o problema do totemismo foi tão importante que Lévi-Strauss praticamente o adotou como parte da conclusão de seu livro *Le totemisme aujourd'hui*.

O outro tipo de instituição a que Radcliffe-Brown dedicou boa parte de suas atividades, comparando sua presença nas diversas sociedades, foi o sistema de parentesco, em cujo estudo não se limitou aos dados andamaneses e australianos. Talvez seja a parte de seu trabalho que melhor ilustra sua preocupação com a busca de princípios gerais. Pela procura desses princípios, Radcliffe-Brown se contrapunha ao tipo de explicação segundo a qual, baseando-se na inter-relação das regras de um sistema de parentesco particular, tomava-se uma dessas regras como causa de outra: por exemplo, considerar o levirato e sororato como a causa da terminologia classificatória. Ao invés disso, ele considera esses costumes, não um como causa do outro, mas todos como diferentes aplicações do princípio da unidade do grupo de irmãos e irmãs. Ao invés de considerar o costume do casamento com a filha do irmão da esposa como causa da terminologia omaha, ele considera a ambos os costumes como aplicações do princípio da unidade do grupo de linhagem. Com a busca de princípios estruturais como esses, Radcliffe-Brown evitou também que regras iguais em sociedades distintas recebessem explicações diferentes. Ainda que o artigo em que ele isola esses princípios seja de 1941, que constitui sua fala presidencial ao Royal Anthropological Institute, muito tempo antes Radcliffe-Brown já se preocupava com o problema, pois em seu artigo de 1924, sobre as relações entre o sobrinho e o irmão da mãe nas sociedades nativas do sul da África, já baseia sua explicação no princípio da equivalência de irmãos (RADCLIFFE-BROWN, 1952: p. 18).

Desde cedo Radcliffe-Brown começou a fazer restrições à explicação dos fenômenos sociais segundo suas origens e baseada na história conjectural. Em várias ocasiões tocou nessa questão e não raro, ao examinar determinado problema, apresentava primeiro sua explanação segundo autores que se baseavam em conjecturas históricas, mostrando como eram pouco satisfatórias essas explanações, para em seguida elaborar sua própria explicação. Em 1910, Radcliffe-Brown respondeu a uma crítica que lhe fez o Padre Schmidt a respeito de um artigo sobre a religião dos andamaneses, que havia publicado no ano anterior. Embora a

discussão fosse com o Padre Schmidt, Radcliffe-Brown ainda não faz objeções à história conjectural, limitando-se a criticar a maneira tendenciosa e pouco rigorosa com que o padre reconstituía os eventos não documentados. Isso se explica, uma vez que o próprio Radcliffe-Brown estava nessa época procurando se reorientar metodologicamente: basta dizer que uma das teses do citado artigo era a de que o ser mítico Biliku, considerado do sexo feminino por algumas tribos andamanesas e do masculino por outras, fora, no passado, tido como do sexo feminino por todas elas, argumento que mantinha com conjecturas, ainda que com alto grau de probabilidade. Mas em 1923, em sua locução presidencial da Seção E da South African Association for the Advancement of Science, Radcliffe-Brown propõe que se distinga dois ramos na Antropologia: a Etnologia e a Antropologia Social. A primeira deveria se ocupar da reconstrução da história da cultura segundo métodos especiais que lhe permitissem conclusões com algum grau de probabilidade. A segunda seria o estudo puramente indutivo dos fenômenos da cultura com o objetivo de descobrir leis gerais, e para isso se adaptando aos métodos lógicos ordinários das ciências naturais (RADCLIFFE-BROWN, 1968: p. 25).³ É uma distinção que ele vai manter até o fim da vida. A Etnologia não poderá servir de base aos trabalhos da Antropologia Social, pois sendo seus resultados hipotéticos, esta não pode construir hipóteses sobre hipóteses. Seus resultados pouco servirão, também, como fundamentos de atividades práticas, o mesmo não acontecendo com as generalizações produzidas pela Antropologia Social. Radcliffe-Brown admitia que a idéia de evolução não deveria ser deixada de lado, mas os estudos com essa orientação deveriam procurar, não origens de costumes e instituições, e sim leis ou princípios gerais de cuja contínua ação teriam resultado as formas de sociedades passadas e presentes. De qualquer modo, tais leis só poderiam ser descobertas depois que a Antropologia Social tivesse feito considerável progresso (*id.*, *ibid.* p. 19). Oito anos depois, na locução presidencial da Seção H da British Association for the Advancement of Science, Radcliffe-Brown torna a fazer a mesma dicotomia — Etnologia e Antropologia Social — mas dessa vez identificando a segunda com a Sociologia Comparativa. Nessa locução, ele repete muito

³ A data 1968 corresponde à terceira impressão de RADCLIFFE-BROWN, 1958, pois não dispúnhamos da impressão original.

da argumentação da anterior, mas desenvolve a apresentação do método que deve ser aplicado pela Antropologia Social ou Sociologia Comparativa. Em primeiro lugar, o antropólogo social deve evitar qualquer tentativa de explicar fenômenos sociais ou culturais particulares em termos de uma explanação psicológica última das leis sociológicas gerais demonstradas por pesquisas puramente sociológicas (*id.*, *ibid.*, p. 64-65). Além disso, deve considerar cada cultura como um sistema integrado e, assim, estudar as funções de suas instituições, costumes e crenças, tendo sempre em mente que estes são partes de tal sistema (*id.*, *ibid.*, p. 65). Por isso, ao invés de comparar elementos culturais isolados de regiões diversas, deve comparar sistemas culturais totais uns com os outros. Para tanto, precisa classificar os sistemas culturais em tipos, realizando o estudo comparativo entre culturas do mesmo tipo. Uma vez caracterizado um tipo, é possível compará-lo com um outro tipo. Dessa maneira se chega à descoberta de uniformidades que se aplicam a tipos cada vez mais amplos, atingindo-se assim a descoberta de princípios ou leis universais, ou seja, que atuam em todas as sociedades humanas (*id.*, *ibid.*, p. 78-80). O estudo preliminar dos fatos conhecidos em quaisquer desses níveis — no âmbito de uma cultura particular, das culturas de um mesmo tipo, dos tipos de uma mesma unidade mais abrangente ou de todas as culturas humanas — leva à formulação de generalizações hipotéticas que precisam ser testadas em pesquisa de campo, a fim de que possam ser confirmadas, rejeitadas ou modificadas (*id.*, *ibid.*, p. 71). Radcliffe-Brown ainda admitta que seria preciso se fazer algum progresso nos estudos sincrônicos antes de se empreender os diacrônicos, ou, em outras palavras, somente depois de se saber alguma coisa sobre o que é cultura e como ela opera é que é possível estudar como a cultura se modifica (*id.*, *ibid.*, p. 77). Admita ainda que o estudo sincrônico de culturas de um mesmo tipo poderia dar a orientação preliminar de como essas variações ocorrem (*id.*, *ibid.*, p. 84). De qualquer modo, a descoberta de leis de mudança social deveria se basear no estudo de atuais processos de mudança ou em documentos históricos suficientemente completos e dignos de confiança (*id.*, *ibid.*), isto é, não poderia se fundamentar em conjecturas. Usando essa metodologia, a Sociologia Comparativa ou a nova Antropologia Social se constituiria numa Ciência generalizante, tal como as ciências naturais (*id.*, *ibid.*, p. 65). Radcliffe-Brown contrapunha essa nova Antropologia Social a

uma antiga Antropologia Social, representada pelos antropólogos evolucionistas anteriores que, apesar de sua preocupação com as origens, tinham procurado comparar, reunindo exemplos de costumes e instituições similares em todo o mundo. Tal tipo de comparação, ainda que não servisse para solucionar problemas, constituía um primeiro levantamento dos mesmos (*id.*, *ibid.*, p. 76). Cremos que dessa maneira Radcliffe-Brown distinguia pelo menos alguns dos pesquisadores antigos da categoria de etnólogos, uma vez que não estavam exclusivamente voltados para a reconstrução histórica pura e simples.

A classificação da Antropologia Social como ciência natural veio a ser objeto de reflexão por Radcliffe-Brown em 1937, quando preparou um seminário sobre o assunto, na Divisão de Ciências Sociais da Universidade de Chicago. Ainda que sua exposição tenha sido oral, foi anotada por uma secretária e publicada pouco depois de sua morte (RADCLIFFE-BROWN, 1957). Radcliffe-Brown havia solicitado a oportunidade de organizar um dos seminários que então se faziam na Divisão de Ciências Sociais, para responder a Mortimer Adler, o qual havia defendido, naqueles seminários, a tese de que a Psicologia era a única ciência social possível. O problema do seminário era o da possibilidade de uma ciência natural das sociedades humanas, isto é, que aplicasse aos fenômenos da vida social da humanidade os mesmos métodos lógicos que são aplicados nas ciências físicas e biológicas, de modo a atingir formulações cientificamente exatas a partir de generalizações prováveis e significantes (*id.*, *ibid.*, p. 3). Radcliffe-Brown, desenvolvendo seu argumento, começa por afirmar que a ciência natural se volta unicamente para a investigação sistemática das leis da natureza (*id.*, *ibid.*, p. 6).

"Uma lei natural é uma afirmação das características possuídas por uma determinada classe de sistemas naturais no universo", e nesse sentido é imamente ao universo, como assegurava a escola filosófica de Efeso (*id.*, *ibid.*, p. 14 e 19-20). Um sistema natural é uma porção da realidade fenomênica conceitualmente isolada, consistindo numa série de entidades em tal relação uma com a outra que constituam uma unidade naturalmente coerente (*id.*, *ibid.*, p. 20). Cada ciência lida com certo tipo de sistemas naturais; essa distribuição dos sistemas em tipos deve ter um grau de conformidade relativamente alto com a realidade fenomênica (*id.*, *ibid.*, p. 23). Um sistema pode ser definido por dois

itens: a) quais são suas unidades? e b) que tipos especiais de relações são mantidos entre essas unidades? (*id.*, *ibid.*, p. 26). Quando tais relações existem na realidade fenomênica, estamos diante de sistemas naturais (*id.*, *ibid.*, p. 43). Num sistema social, as unidades são seres humanos individuais; as relações entre elas são sociais, isto é, relações que implicam ajustamento de interesses (*id.*, *ibid.*, p. 43-44). A Psicologia, por sua vez, não estuda sistemas sociais, mas sim sistemas em que as unidades são atos do comportamento interno ou externo do indivíduo, ligados entre si por relações de interdependência (*id.*, *ibid.*, p. 45-46). Com a definição dada de sistema social, é possível encontrar uma quantidade infinita de exemplos do mesmo: em qualquer situação em que dois indivíduos encontrem um ajustamento entre seus interesses, temos um sistema social. Mas sistemas como esses, isolados de um contexto mais amplo, de pouco valem para a ciência social; por isso o cientista isola sistemas sociais maiores, que são as sociedades, para estudar (*id.*, *ibid.*, p. 59-62). Por conseguinte, existem certos sistemas naturais — os sistemas sociais — que podem ser distinguidos dos demais e serem objeto de uma ciência natural.

O termo cultura aparece raramente nos trabalhos de Radcliffe-Brown, e é até de estranhar que o utilize tantas vezes em sua locução presidencial de 1931. No seminário de 1937 dedica um pouco de sua atenção ao conceito de cultura (*id.*, *ibid.*, p. 90-109). Sua principal preocupação é combater a reificação desse conceito. Desde logo afasta a idéia de que a cultura possa englobar objetos materiais. Evita dizer também que a cultura "afeta" os indivíduos de certa maneira ou "age" sobre eles.

"A cultura se mantém devido ao fato de que os indivíduos estão sujeitos aos atos de outras pessoas sobre eles e não aos atos da cultura" (*id.*, *ibid.*, p. 97).

Para Radcliffe-Brown uma cultura seria uma descrição dos modos padronizados de se comportar: de pensar, de sentir e de agir. Uma cultura apresenta três aspectos. Em primeiro lugar, temos uma série de regras; tais regras permitem uma uniformidade de comportamento, da qual depende a cooptação, isto é, o reunir ajustadamente seres humanos num sistema social. Em segundo lugar, temos a existência de certos símbolos comuns, aos quais se ligam significados comuns; isso preenche a necessidade de comunicação, da qual dependem os indivíduos para ajustarem entre si

seu comportamento. Em terceiro lugar, temos uma determinada série comum de maneiras de sentir e maneiras de pensar como parte da cooptação. Radcliffe-Brown conclui que não pode existir uma ciência da cultura, pois, uma vez que uma cultura é sempre uma característica de um sistema social, seu estudo é englobado pela ciência dos sistemas sociais.

É possível abstrair certos aspectos do sistema social, tal como a economia, a religião, a moral, e estudá-los separadamente, chegando a importantes resultados. Mas estes só terão plena significação quando forem correlacionados com os demais conhecimentos obtidos a respeito dos sistemas sociais. Por isso, para Radcliffe-Brown, a ciência dos sistemas sociais, como ciência teórica, deve ser única. Tal ciência, ainda que possível, está por existir. Radcliffe-Brown não diz seu nome, mas sugere que deverá surgir da atividade dos departamentos de Antropologia (*id.*, *ibid.*, p. 148).

Já vimos que função foi um conceito básico para Radcliffe-Brown no seu primeiro livro, *The Andaman Islanders*, no qual o utilizou como recurso para interpretar os mitos e os ritos das ilhas Andaman. Parece que manteve sempre mais ou menos a mesma definição desse conceito, ainda que o explicitasse de maneiras diversas:

"A *função* de qualquer atividade recorrente, tal como a punição de um crime ou uma cerimônia funerária, é a parte que ela desempenha na vida social como um todo e, portanto, a contradição que faz para a manutenção da continuidade estrutural" (Radcliffe-Brown, 1952b: p. 180).

Essa maneira de considerar função levava a ter em conta também uma totalidade, que era a sociedade. Desde cedo Radcliffe-Brown fez uso do termo sociedade, mas parece que só explicou o que entendia por esse termo no seminário de 1937. Considerou a sociedade como um sistema social amplo, com limites nem sempre bem definidos e, na maioria dos casos, traçados arbitrariamente pelo pesquisador segundo o problema que estivesse estudando:

"Uma sociedade é um grupo de pessoas, em certas relações, que estudamos como uma unidade — como um sistema conceptualmente isolado — para descrever e comparar com outras unidades semelhantes" (*id.*, 1957: p. 62).

Por vezes essa totalidade foi chamada de organização social, como o fez Radcliffe-Brown em seu famoso trabalho sobre a Austrália (*id.*, 1930b, 1930c, 1930d, 1931b), em que talvez tenha usado esse termo como sinônimo de estrutura social, do qual também se vale no mesmo texto. Parece que ele nunca veio a explicitar o que entendia por organização social, mas o fez com respeito a estrutura social:

"Em primeiro lugar, considero como uma parte da estrutura social todas as relações sociais de pessoa a pessoa. (...) Em segundo lugar, incluo sob a estrutura social a diferenciação dos indivíduos e das classes por seu papel social" (*id.*, 1952b: p. 191).

À medida que se desenvolve a exposição de Radcliffe-Brown, damos conta de que a estrutura social para ele é a própria sociedade num determinado momento. Mas o que interessa ao pesquisador é abstrair daí a forma estrutural. Ainda que ele não defina o conceito de forma estrutural, explica com exemplos o que entende por esse termo, de modo que poderíamos dizer com pouca margem de erro que Radcliffe-Brown considera como forma da estrutura a rede dos tipos de relações sociais de uma sociedade:

"As relações reais entre Tom, Dick e Harry ou o comportamento de Jack e Jill podem ser anotados em nossas cadernetas de campo e podem prover ilustrações para uma descrição geral. Mas o de que precisamos para propósitos científicos é um levantamento da forma da estrutura. Por exemplo, se numa tribo australiana observo num certo número de instâncias o comportamento de determinadas pessoas entre si que estão na relação de irmão da mãe e filho da irmã, é para que eu possa registrar tão precisamente quanto possível a forma geral ou normal dessa relação, abstrahida das variações das instâncias particulares, ainda que tomando em conta essas variações" (*id.*, *ibid.* p. 192).

Apesar do uso do conceito de função como instrumento de interpretação, a teoria elaborada por Radcliffe-Brown é bem diferente da de Malinowski; e os métodos de interpretação não eram os mesmos para um e outro autor. Por vezes o vago rótulo de funcionalista é aplicado a ambos indistintamente; mas os dois autores em muito pouco se assemelham. Em uma interessante nota publicada em 1946, o próprio Radcliffe-Brown esclarece as diferenças que o separavam de Malinowski. Assim, vemos que em 1912 não havia diferença na maneira como ambos entendiam o termo função. Já em 1926 a diferença se fazia sentir, pois

Malinowski deixa de se referir à sociedade ou à estrutura social como totalidade dentro da qual um elemento desempenha sua parte, passando a considerar como tal a cultura. E a partir de 1930 seu ponto de vista se afasta cada vez mais, quando Malinowski passa a definir a função de um elemento social ou cultural segundo suas relações com as necessidades biológicas dos indivíduos.

Radcliffe-Brown, ao contrário, se manteve sempre próximo da orientação de Durkheim. Rompendo logo no início de sua carreira com o historicismo, suas diretrizes teóricas e metodológicas se mantiveram mais ou menos as mesmas ao longo de sua vida. Conviém notar que Radcliffe-Brown não foi meramente um repetidor de Durkheim. Talvez possamos dizer que lhe seguiu o método na maior parte de seus aspectos, mas não chegou a concordar com todas as suas teorias. Tal como Durkheim, admitia a necessidade de classificar as sociedades em tipos, ainda que não exatamente pelos mesmos critérios (a julgar pelos exemplos dados por Radcliffe-Brown e a maneira como tratou as sociedades australianas, a contigüidade espacial e certas tradições em comum eram critérios que se acrescentavam ao grau de composição de Durkheim). Endossava a importância que Durkheim atribuía à procura das funções dos fenômenos sociais, mas se recusava ao uso do conceito de causa, que substituiu pela procura de princípios. Tal como Durkheim, procurava explicações de natureza social para os fenômenos sociais, evitando explicações de cunho biológico ou psicológico. Assim, ao tratar dos andamaneses, Radcliffe-Brown mostrou como a existência de sua sociedade dependia da existência de certos sentimentos nas mentes de seus membros; isso seria uma explicação psicológica se ele não tivesse mostrado que esses sentimentos, por sua vez, eram avivados, mantidos e transmitidos pelos mitos e ritos, fenômenos sociais. Radcliffe-Brown acusa Durkheim de reificar o conceito de consciência coletiva (RADCLIFFE-BROWN, 1957: p. 97); ressalta ainda que, embora o fato social exerça uma coerção exterior sobre o indivíduo, ele não tem uma existência própria, como afirma Durkheim: os usos sociais estão tanto no comportamento de um dado indivíduo como fora dele, no comportamento dos outros indivíduos (*id.*, *ibid.*, p. 56-57). Radcliffe-Brown faz também freqüentes ressalvas à maneira como Durkheim considera a origem da religião.

Radcliffe-Brown teve várias oportunidades de observar o contato entre civilizados e povos nativos: nas ilhas Andaman, onde estava instalado um estabelecimento penal; na Austrália, onde os nativos tinham suas terras ocupadas por criadores de carneiro; em Tonga, onde foi diretor de educação; na África do Sul, onde os problemas raciais começavam a se fazer sentir. No entanto, não escreveu nenhum livro ou artigo de importância sobre esse tema. É certo que na África do Sul fez palestras e participou de cursos destinados a missionários e funcionários que lidavam com os nativos, e que seu Departamento de Antropologia em Sydney tinha como uma das atividades a formação de funcionários que trabalhariam com os aborígenes da Austrália e Nova Guiné. Mas suas aulas, palestras, discussões sobre os problemas do contato não se transformaram em trabalhos publicados. Algumas vezes Radcliffe-Brown se referiu à aplicação prática da Antropologia. Mas tanto no Pan-Pacific Science Congress, reunido em Java em 1929, como na reunião da British Association for the Advancement of Science, em Londres, em 1931, sua referência à Antropologia Aplicada visa simplesmente mostrar que os estudos de caráter historicista, preocupados com as origens de costumes e instituições, conjecturas, de nada servem para orientação de funcionários coloniais e missionários, e que só a Antropologia Social ou Sociologia Comparativa, preocupada em encontrar a função social desses costumes e instituições, pode oferecer fundamentos para a ação prática (*id.*, 1968: p. 39-41 e 89-95). A julgar pelo seu seminário em Chicago, em 1937, Radcliffe-Brown não poderia considerar a Antropologia Aplicada como uma ciência mesmo que prática, pois, para ele, uma ciência prática tem de ser baseada numa ciência teórica (*id.*, 1957: p. 45), e ele acreditava que uma ciência teórica dos sistemas sociais ainda estava por existir. Mas uma queixa feita no mesmo seminário não sugere que ele não tinha inclinação pela Antropologia Aplicada:

"As pessoas querem não investigações que conduzam a teorias, mas aquelas que levem a resultados imediatos" (*id.*, *ibid.* p. 147).

Elkin sugere que um dos vários motivos que levou Radcliffe-Brown a deixar a Universidade de Sydney foi o fato de considerar que a Antropologia aplicada ou administrativa só poderia se desenvolver na medida em que se ampliassem os conhecimentos da Antropologia pura ou teórica. Esperava-se dele que atacasse o problema da mudança social e cultural, mas mesmo em suas

pesquisas sua preocupação era reconstituir os sistemas australianos tradicionais. Ele achava que os cursos de 'Sydney não deveriam tratar de problemas de administração, e esperava que os funcionários que seguissem os cursos obtivessem um treinamento sistemático em Antropologia teórica que lhes serviria de base para entender as culturas nativas com que viessem a lidar (Elkin, 1956: p. 243-44). Em suma, Radcliffe-Brown deveria achar prematuro o preocupar-se com o desenvolvimento de uma Antropologia aplicada; mas, por outro lado, não chegou a estudar os problemas do contato interétnico nem mesmo com preocupações teóricas.

Radcliffe-Brown fez uma longa pesquisa de campo nas ilhas Andaman e depois cumpriu breves períodos de campo na Austrália. Sua experiência de pesquisa entre povos primitivos, portanto, não era diferente da experiência da maior parte dos modernos antropólogos, que passam grande período junto a um povo tribal a fim de recolher dados para elaborar uma tese, ficando suas pesquisas de campo posteriores dependentes das folgas que lhes são concedidas nas atividades de magistério. Radcliffe-Brown pretendia realizar uma pesquisa bastante longa na Austrália, no que foi impedido pela doença e pela guerra. Depois disso, suas tarefas docentes passaram a ser geralmente acrescidas de cargos de direção, o que por certo o impediu de realizar novas pesquisas de campo. Apesar de sua situação não diferir da de um grande número de antropólogos, mais de um autor já frisou que Radcliffe-Brown não tinha grandes pendores pelo trabalho de campo. Essa afirmativa só poderia ser feita por alguém que o tivesse observado pessoalmente em sua atividade junto aos nativos. *The Andaman Islanders*, além da grande contribuição teórica que proporciona, nada deixa a desejar como descrição etnográfica. Talvez essa impressão de um Radcliffe-Brown pouco afeito ao trabalho de campo tenha outro motivo. É que em seus escritos nunca faz referência à maneira como realizou a pesquisa; são raras as passagens em que se anima a narrar algum incidente que lhe tenha ocorrido no campo, assim como são raros os casos narrados à guisa de ilustração de como atua uma regra ou costume. Os dados são apresentados já completamente depurados, em generalizações abstraídas dos acontecimentos particulares em que se baseiam. Em suma, não deixa o leitor sentir a maneira como foi vivida a pesquisa.

Observa Meyer Fortes que Radcliffe-Brown escreveu pouco, se comparado com outros líderes da Antropologia de sua geração; no entanto, tudo o que escreveu ainda é significativo. Diz ainda que seu pensamento estava sempre mais à frente que suas publicações (FORTES, 1956: p. 152-53). Parece-nos, então, que muitas das reflexões de Radcliffe-Brown, muitas de suas contribuições teóricas e metodológicas não chegaram a ser escritas e só tiveram acesso a elas os que assistiram a suas aulas, discutiram com ele ou pediram sua orientação. Pode-se mesmo dar um exemplo. Em seu livro *Naven*,⁴ Gregory Bateson faz largo uso de uma técnica denominada "identificação", muito importante para a interpretação dos dados descritos. Ele atribui a sugestão dessa técnica a Radcliffe-Brown, embora não cite a fonte bibliográfica. Salvo engano, Radcliffe-Brown não faz referência a tal técnica em nenhum de seus trabalhos. Portanto, só podemos concluir que Bateson tomou conhecimento dela em contato pessoal com Radcliffe-Brown. Tendo sido o arauto da Antropologia Social em quase todos os continentes, em mais de uma universidade foi o primeiro a ocupar a cadeira de Antropologia (Sydney, Cidade do Cabo, Oxford), e em outras contribuiu para uma reorientação teórica (Chicago). Mais de uma vez o reconhecimento de seus alunos se manifestou através de volumes que lhe foram dedicados: *Social Anthropology of North American Tribes* (EGGAN, 1937) lhe foi oferecido pelos seus colegas e alunos quando deixou a Universidade de Chicago; *Social Structure* (FORTES, 1949), quando deixou a Universidade de Oxford.

Quanto a Radcliffe-Brown como pessoa, era um tanto reservado e tinha intimidade apenas com poucos amigos, embora gostasse de receber e propiciasse hospitalidade e boa conversação. Era prestativo para com os jovens estudantes, lendo seus manuscritos, dando-lhes orientação e sugestões teóricas. No ambiente acadêmico não procurava o poder. Admirava os clássicos chineses e os autores do iluminismo francês. Quando jovem, tinha o apelido de "Anarchy Brown", maneira amistosa de reconhecer seu distanciamento e suas idéias avançadas no que se refere à arte, à vida e à literatura. Assim o pinta Meyer Fortes (1956, p. 153). Elkin, entretanto, o vê de outra maneira. Ainda que reconhecendo o valor de seu trabalho, faz sérias restrições à pes-

⁴ BATESON, Gregory. *Naven*. 2.^a ed. Stanford, Stanford University Press, 1958. p. 35.

soa de Radcliffe-Brown. Segundo Elkin, ele ignorou o trabalho de R. H. Matthews, um de seus predecessores na pesquisa dos povos nativos australianos, por considerá-lo um amador, apesar de ter utilizado intensamente suas contribuições. Também acusa Radcliffe-Brown de não reconhecer o trabalho daqueles que continuaram pesquisando após sua saída da Universidade de Sydney, supondo, por mais que o tempo passasse, que havia dito a última palavra sobre as sociedades australianas. Denuncia ainda a existência de um "grupo de culto" a Radcliffe-Brown e a maneira pouco amistosa com que ele considerava aqueles que dele discordavam ou que não pertenciam ao referido grupo. Assegura também que um ar de superioridade acadêmica e uma certa pose social e exótica levantavam uma barreira entre Radcliffe-Brown e alguns de seus colegas da Universidade (ELKIN, 1956: p. 243 e 248-50). As amargas palavras de Elkin parecem mostrar que ele próprio era um dos que estavam do outro lado dessa barreira.

No que tange à sua estada no Brasil, Radcliffe-Brown aqui permaneceu desde o início do ano letivo de 1942 até meados de 1944 como professor visitante da Divisão de Estudos Pós-graduados da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Nessa época, faziam parte do corpo docente da referida Divisão os professores Herbert Baldus (Etnologia), Donald Pierson (Sociologia e Antropologia Social), Emílio Willems (Sociologia) e Alexandre Kafka (Economia), sendo assistentes de pesquisa Cecília Maria Sanio e Oracy Nogueira. Além desses, também eram docentes do Departamento de Sociologia e Antropologia da Escola: W.-P. Leser (Estatística), Sérgio Milliet (Sociologia), Antônio Rubbo-Miller (Antropologia Social), Cecília E. de Castro Silva (Psicologia Social), Mário Wagner Vieira da Cunha (Sociologia e Antropologia).

Entre os alunos, regulares ou ouvintes, com que então contava a Divisão de Estudos Pós-graduados, estavam Virgínia Leone Bicudo, Lucila Hermann, Mauro Wirth, Oracy Nogueira, Cecília Maria Sanio, Egon Schaden, Virgínia Watson. Todos os interessados em Antropologia, tanto professores quanto alunos, assistiam às aulas de Radcliffe-Brown, que ministrou as seguintes disciplinas: Princípios de Antropologia Social, Desenvolvimento do Direito, Organização Social, Função Social do Direito, Religião e Mitologia Comparadas, Seminário sobre Problemas de Pesquisa, Problemas de Antropologia Social Aplicada, sendo que lecionou por três vezes a primeira delas.

Radcliffe-Brown não chegou a fazer ou dirigir nenhuma pesquisa no Brasil, como também não orientou nenhuma tese. Entretanto, durante sua permanência em São Paulo, encontrou-se certa vez com Julian Steward, que cogitava sobre a criação de um Instituto de Antropologia Social na Smithsonian Institution, em Washington, e sobre a edição do *Handbook of South American Indians*. Em consequência disso, uma vez fundado o Instituto (Institute of Social Anthropology), foi organizada uma filial do mesmo em São Paulo, em convênio com a Escola Livre de Sociologia e Política, dirigida por Donald Pierson e da qual veio fazer parte Kalervo Oberg. O Instituto chegou a promover pesquisas entre índios (como as do próprio Kalervo Oberg e de Fernando Altenfelder Silva), bem como em áreas rurais e urbanas. Radcliffe-Brown nada escreveu sobre os indígenas brasileiros, embora tenha mantido um vivo interesse pelos nativos de outros continentes em que desenvolveu sua vida acadêmica, como a África e a Austrália.

Mas sem dúvida Radcliffe-Brown se preocupava com o conhecimento das sociedades tribais de nosso continente, tanto que, ao receber o Professor Rubbo-Müller para fazer seu doutorado na Universidade de Oxford, em 1939, solicitou-lhe que redigisse um trabalho sobre os índios da América do Sul. Radcliffe-Brown tentou introduzir um Seminário, tal como os de Oxford, em que se apresentavam relatórios de pesquisa, para o que contou com os professores da própria Divisão de Estudos Pós-graduados e também de outros, como Raul Briquet. Mas tal Seminário não teve a repercussão esperada e veio a se extinguir.

Segundo o Professor Antônio Rubbo-Müller, que nos cedeu essas informações, havia uma atitude de estranheza e hesitação no relacionamento entre Radcliffe-Brown e os outros professores, brasileiros ou estrangeiros, da Universidade de São Paulo. Conta que, em certa ocasião, quando da recepção solene de um intelectual paraguaio pela Faculdade de Direito, Radcliffe-Brown compareceu paramentado com a beca da Universidade de Oxford, o que obrigou a todos os demais professores a vestirem suas becas. Isso por certo indica que não só Radcliffe-Brown estava pouco familiarizado com a etiqueta do meio social que o acolhia, como também que ninguém tinha com ele suficiente intimidade para lhe informar a respeito dela. Lamenta ainda o Professor Rubbo-Müller o desinteresse dos professores pelas disciplinas atinentes

ao Direito, lecionadas por Radcliffe-Brown — tendo em vista que em Oxford o próprio professor de Direito Romano assistia às aulas do antropólogo.

Aqui seria o caso de se perguntar até que ponto a língua não constituiria uma barreira a separar Radcliffe-Brown de muitos professores e alunos. Numa época em que os intelectuais brasileiros estavam mais familiarizados com a língua francesa do que com qualquer outra, por certo deveriam sentir muita dificuldade em assistir a aulas e palestras e participar de seminários em inglês. A língua, portanto, teria contribuído para que a presença de Radcliffe-Brown no Brasil não deixasse marcas profundas. O Professor Florestan Fernandes teve oportunidade de assistir a algumas de suas conferências e, segundo suas informações pessoais, Radcliffe-Brown levava para a sala uma ficha com o roteiro da exposição, em inglês, a qual fazia com clareza, vivacidade e extrema precisão, comunicando-se bem com o auditório; tinha hora certa pra começar e terminar e criava a atmosfera de um verdadeiro mestre.

Na seleção de textos de Radcliffe-Brown para o presente volume escolheram-se apenas três, os quais resultaram da reflexão prolongada acerca de temas sobre os quais trabalhou muito tempo. O primeiro, "The Social Organization of Australian Tribes", sistematiza tudo o que havia dito anteriormente sobre as sociedades australianas; o segundo, sua introdução a *African Systems of Kinship and Marriage*, reúne praticamente quase tudo que escrevera até então sobre sistemas de parentesco, enriquecido com sua reflexão sobre outros aspectos do mesmo tema. O terceiro, um dos últimos trabalhos de sua vida, apresenta nova abordagem do problema do totemismo que até então havia procurado.

Bibliografia de Radcliffe-Brown

- RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald.
1909 — "The Religion of the Andaman Islanders." *Folk-Lore*. v. XX, n.º 3, p. 257-71.
1910a — "Puluga: a Reply to Father Schmidt." *Man*. v. X, n.º 17, p. 33-37.

- 1910b — "Marriage and Descent in North Australia." *Man.* v. X, n.º 32, p. 55-59.
- 1912a — "Marriage and Descent in North and Central Australia." *Man.* v. XII, n.º 64, p. 123-24.
- 1912b — "The Distribution of Native Tribes in Part of Western Australia." *Man.* v. XII, n.º 75, p. 143-46.
- 1912c — "Beliefs Concerning Childbirth in some Australian Tribes." *Man.* v. XII, n.º 96, p. 180-82.
- 1913 — "Three Tribes of Western Australia." *Journal of the Royal Anthropological Institute.* v. XLIII, p. 143-94.
- 1914a — "Notes on the Languages of the Andaman Islands." *Anthropos.* v. IX, p. 36-52.
- 1914b — "The Definition of Totemism." *Anthropos.* v. IX, p. 622-30.
- 1914c — Resenha de *The Family among the Australian Aborigines*, de Bronisław Malinowski. *Man.* v. XIV, n.º 16.
- 1914d — "The Relationship System of the Dieri Tribe." *Man.* v. XIV, n.º 33, p. 53-56.
- 1916 — "Australian Rafts." *Man.* v. XVI, n.º 4, p. 8-9.
- 1918 — "Notes on the Social Organization of Australian Tribes, Part I." *Journal of the Royal Anthropological Institute.* v. XLVIII, p. 222-53.
- 1922a — *The Andaman Islanders.* Cambridge, Cambridge University Press.
- 1922b — "Some Problems of Bantu Sociology." *Bantu Studies.* v. I, n.º 3, p. 38-46.
- 1923a — "The Methods of Ethnology and Social Anthropology." Locução presidencial à Seção E da South African Association for the Advancement of Science em 13 de julho de 1923. *South African Journal of Science.* v. XX, p. 124-27. (Republicado em RADCLIFFE-BROWN, 1958).
- 1923b — "Notes on the Social Organization of Australian Tribes, Part II." *Journal of the Royal Anthropological Institute.* v. LIII, p. 424-47.
- 1924 — "The Mother's Brother in South Africa." Artigo lido perante a South African Association for the Advancement of Science em 9 de julho de 1924. *South African Journal of Science.* v. XXI, p. 542-55. (Republicado em RADCLIFFE-BROWN, 1952: p. 15-31. Traduzido para o português em RADCLIFFE-BROWN, 1973: p. 27-45).
- 1925a — "Culture Areas of Africa." *American Anthropologist.* N. S. v. XXVII.

- 1925b — "Native Dolls in the Transvaal Museum." *Annals of the Transvaal Museum.* v. XI, parte 2, p. 99-102.
- 1925c — Resenha de *Atlas Africanus*, de Leo Frobenius e Ritter v. Wilm; *Das Unbekannte Afrika*, de Leo Frobenius; e *Hadschra Maktuba*, de Leo Frobenius e Hugo Obermaier. *American Anthropologist.* N. S. v. XXVII, p. 325-29.
- 1925d — Resenha de *Origin of Australian Beliefs*, de Lambert Ehrlich. *American Anthropologist.* N. S. v. XXVII, p. 161-63.
- 1926a — "Father, Mother, and Child." *Man.* v. XXVI, n.º 103, p. 159-61.
- 1926b — "Arrangements of Stones in Australia." *Man.* v. XXVI, n.º 133, p. 204-05.
- 1926c — "The Rainbow-Serpent Myth of Australia." *Journal of the Royal Anthropological Institute.* v. LVI, p. 19-25.
- 1927 — "The Regulation of Marriage in Ambrym." *Journal of the Royal Anthropological Institute.* v. LVII, p. 343-48.
- 1929a — "Age Organization — Terminology." *Man.* v. XXIX, n.º 13, p. 21.
- 1929b — "A Further Note on Ambrym." *Man.* v. XXIX, n.º 35, p. 50-53.
- 1929c — "Bride-Price, Earnest of Indemnity." *Man.* v. XXIX, p. 131-32.
- 1929d — "Bilateral Descent." *Man.* v. XXIX, n.º 157, p. 199-200.
- 1929e — "Notes on Totemism in Eastern Australia." *Journal of the Royal Anthropological Institute.* v. LIX, p. 399-415.
- 1930a — "Editorial." *Oceania.* v. I, n.º 1, p. 1-4.
- 1930b — "The Social Organization of Australian Tribes, Part I." *Oceania.* v. I, n.º 1, p. 34-63. (Traduzido para o português nesta coleção).
- 1930c — "The Social Organization of Australian Tribes, Part II." *Oceania.* v. I, n.º 2, p. 206-46.
- 1930d — "The Social Organization of Australian Tribes, Part II." Continuação. *Oceania.* v. I, n.º 3, p. 322-41.
- 1930e — "The Rainbow-Serpent Myth in South-East Australia." *Oceania.* v. I, n.º 3, p. 342-47.
- 1930f — "Former Numbers and Distribution of the Australian Aborigines." *Official Yearbook of the Commonwealth of Australia.* n.º 23, p. 687-96.
- 1930g — "Historical and Functional Interpretations of Culture in Relation to the Practical Application of Anthropology to the Control of Native Peoples." Resumo de um artigo lido di-

- ante do Fourth Pacific Science Congress, em Java, em 1929. *Proceedings of the Fourth Pacific Science Congress*. v. III. *Biological Papers*. Batavia/Bandoeng. (Republicado em RADCLIFFE-BROWN, 1958).
- 1930h — "The Sociological Theory of Totemism." *Proceedings of the Fourth Pacific Science Congress*. Batavia/Bandoeng, Java; 1929. v. III. (Republicado em RADCLIFFE-BROWN, 1952; p. 117-32. Tradução para o português em RADCLIFFE-BROWN, 1973: p. 147-66).
- 1930i — "Applied Anthropology." Locução presidencial. *Australian and New Zealand Association for the Progress of Science*. 1930j — Resenha de Report of The Mission Entrusted with a Survey of Health Conditions in the Pacific Islands, de P. Hernant e R. Clento. *Australian and New Zealand Association for the Advancement of Science*.
- 1930k — Resenha de *The Chronological Aspects of Certain Australian Social Institutions as Inferred from Geographical Distribution*, de D. S. Davidson. *Australian and New Zealand Association for the Advancement of Science*.
- 1930l — "A System of Notation for Relationships." *Man*. v. XXX, n.º 93, p. 121-22.
- 1931a — "The Present Position of Anthropological Studies." Locução presidencial da Seção H da British Association for the Advancement of Science, na reunião de seu centenário, em Londres, 1931. (Republicado em RADCLIFFE-BROWN, 1958)
- 1931b — "The Social Organization of Australian Tribes, Part III." *Oceania*. v. I, n.º 4, p. 426-56.
- 1931c — "The Social Organization of Australian Tribes." *Oceania Monographs*. Melbourne, n.º 1. (Republicação de RADCLIFFE-BROWN, 1930b, 1930c, 1930d e 1931b).
- 1932 — Resenha de *Spencer's Last Journey*, de R. R. Marrett e T. K. Peninman. *American Journal of Sociology*. v. XXXVII, n.º 5.
- 1933 — *The Andaman Islanders*. Cambridge, Cambridge University Press. (Republicação de RADCLIFFE-BROWN, 1922a, com novo Prefácio e um Apêndice sobre as línguas andamanesas).
- 1934 — Resenha sobre *The Method and Theory of Ethnology: An Essay in Criticism*, de Paul Radin. *American Journal of Sociology*. v. XXXIX, n.º 5.
- 1935a — "Anthropology and Indian Administration." *American Indian Life*. n.º 26.

- 1935b — "Kinship Terminologies in California." *American Anthropologist*. N. S. v. XXXVII, p. 530-35.
- 1935c — "On the Concept of Function in Social Science." *American Anthropologist*. v. XXXVII. (Republicado em RADCLIFFE-BROWN, 1952; p. 178-87. Traduzido para o português em PIERSON, Donald (org.). *Estudos de Organização Social*. São Paulo, Livraria Martins Editora. p. 220-30; e também em RADCLIFFE-BROWN, 1973: p. 220-31).
- 1935d — "Law, Primitive." *Encyclopaedia of the Social Sciences*. New York, Macmillan Co. v. IX, p. 202-06. (Republicado em RADCLIFFE-BROWN, 1952; p. 212-19. Traduzido para o português em PIERSON, Donald (org.). *Estudos de Organização Social*. São Paulo, Livraria Martins Editora. p. 578-86; e também em RADCLIFFE-BROWN, 1973: p. 260-69).
- 1935e — "Sanction, Social." *Encyclopaedia of the Social Sciences*. New York, Macmillan Co. v. XIII, p. 531-34. (Republicado em RADCLIFFE-BROWN, 1952; p. 205-11. Traduzido para o português em PIERSON, Donald (org.). *Estudos de Organização Social*. São Paulo, Livraria Martins Editora. p. 383-90; e também em RADCLIFFE-BROWN, 1973: p. 252-59).⁵
- 1935f — "Patrilineal and Matrilineal Succession." *Iowa Law Review*. v. XX, n.º 2. (Republicado em RADCLIFFE-BROWN, 1952; p. 32-48. Traduzido para o português em RADCLIFFE-BROWN, 1973: p. 46-66).
- 1935g — "Primitive Law." *Man*. v. XXXV, n.º 48, p. 47-48.
- 1935h — Resenha de *The Jealousy of the Gods and Criminal Law at Athens: A Contribution to the Sociology of Moral Indignation*, de Svend Ranulf. *American Journal of Sociology*. v. XL, n.º 4.
- 1935i — Resenha de *Differenzierungs-Erscheinungen in cinigen afrikanischen Gruppen: Ein Beitrag zur Frage der primitiven Individualität*, de Sjoerd Hofstra. *American Journal of Sociology*. v. XLI, n.º 2.
- 1935j — Resenha de *The Stone Age Races of Kenya Colony*, de L. S. B. Leakey. *American Journal of Sociology*. v. XLI, n.º 3.
- 1936a — Resenha de *The Kakarisi: A Sociological Study of an Aboriginal Tribe of Bombay Presidency*, de A. N. Weling. *American Journal of Sociology*. v. XLI, n.º 4.

⁵ O v. IX da *Encyclopaedia of the Social Sciences* foi publicado pela primeira vez em 1933 e o v. XIII, em 1934. Não foi possível averiguar se os artigos de Radcliffe-Brown assinados com as datas 1935d e 1935e já faziam parte respectivamente desses volumes quando da primeira edição.

- 1936b — "The Development of Social Anthropology." Conferência proferida na Division of the Social Sciences of the University of Chicago. (mimeogr.)
- 1937 — "Australian Social Organization." Sumário de uma comunicação apresentada no Royal Anthropological Institute, em 19 de outubro de 1937. *Man*. v. XXXVII, n.º 201, p. 178.
- 1938 — "Motherhood in Australia." *Man*. v. XXXVIII, n.º 14.
- 1939 — *Taboo*. The Frazer Lecture, 1939. Cambridge, Cambridge University Press. (Republicado em RADCLIFFE-BROWN, 1952b: p. 133-52. Traduzido para o português em RADCLIFFE-BROWN, 1973: p. 167-90).
- 1940a — "On Joking Relationships." *Africa*. v. XIII, n.º 3, p. 195-210. (Republicado em RADCLIFFE-BROWN, 1952: p. 90-104. Traduzido para o português em RADCLIFFE-BROWN, 1973: p. 115-32).
- 1940b — "On Social Structure." *Journal of the Royal Anthropological Institute*. v. LXX, parte I. (Republicado em RADCLIFFE-BROWN, 1952: p. 188-204. Traduzido para o português em *Sociologia*. São Paulo. v. IV, 1942, n.º 3; também em PIERSON, Donald (org.). *Estudos de Organização Social*. São Paulo, Livraria Martins Editora. p. 156-73; e ainda em RADCLIFFE-BROWN, 1973: p. 232-51).
- 1940c — "Prefácio." In: FORTES, M. e EVANS-PRITCHARD, E. E. (org.). *African Political Systems*. London, Oxford University Press for the International African Institute. p. XI-XXIII.
- 1940d — "Introdução." In: EMBRETT, John F. *A Japanese Village: Suze Mura*. Chicago, University of Chicago Press; Cambridge, Cambridge University Press.
- 1941 — "The Study of Kinship Systems." Presidential Address to the Royal Anthropological Institute. *Journal of the Royal Anthropological Institute*. v. LXXI. (Republicado em RADCLIFFE-BROWN, 1952: p. 49-89. Traduzido para o português em LARAIA, Roque de Barros (org.). *Organização Social*. Rio de Janeiro, Zahar Ed. p. 50-87; e também em RADCLIFFE-BROWN, 1973: p. 67-114).
- 1942 — "Sir James George Frazer." Obituário. *Man*. v. XLII, n.º 1, p. 1-2.
- 1944 — "The Meaning and Scope of Social Anthropology." *Nature*. v. CLIV, n.º 3904, p. 257-60. (Republicado em RADCLIFFE-BROWN, 1958).

- 1945 — "Religion and Society." The Henry Myers Lecture, 1945. *Journal of the Royal Anthropological Institute*. v. LXXV. (Republicado em RADCLIFFE-BROWN, 1952: p. 153-77. Traduzido para o português em RADCLIFFE-BROWN, 1973: p. 191-219).
- 1946 — "A Note on Functional Anthropology." *Man*. v. XLVI, n.º 30, p. 38-41.
- 1947a — *Resença de Society and Nature*, de Hans Kelsen. *Erasmus*. Amsterdam. v. I, n.º 1.
- 1947b — "Australian Social Organization." *American Anthropologist*. N.S. v. XLIX.
- 1947c — "Evolution, Social or Cultural?" *American Anthropologist*. N.S. v. XLIX, p. 78-83.
- 1949a — "A Further Note on Joking Relationships." *Africa*. v. XIX, p. 133-40. (Republicado em RADCLIFFE-BROWN, 1952: p. 105-16. Traduzido para o português em RADCLIFFE-BROWN, 1973: p. 133-46).
- 1949b — "White's View of a Science of Culture." *American Anthropologist*. N.S. v. LI, n.º 3.
- 1950 — "Introdução." In: RADCLIFFE-BROWN, A. R. e FORDE, Daryll (org.). *African Systems of Kinship and Marriage*. London, Oxford University Press. (Em francês: *Systèmes Familiaux et Maritoniaux en Afrique*. Paris, PUF, 1953. Traduzida para o português em *Sistemas Políticos Africanos de Parentesco e Casamento*, por Teresa Brandão. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1974; e também nesta coletânea).
- 1951 — "Murgin Social Organization." *American Anthropologist*. N.S. v. LIII, n.º 1.
- 1952a — "The Comparative Method in Social Anthropology." Huxley Memorial Lecture for 1951. *Journal of the Royal Anthropological Institute*. v. LXXXI, 1951 (publicado em 1952), p. 15-22. (Republicado em RADCLIFFE-BROWN, 1958. Traduzido para o português em GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1975. p. 195-210; e também nesta coletânea).
- 1952b — *Structure and Function in Primitive Society*. London, Cohen & West. Também editado na mesma data por The Free Press, Glencoe. (Republicação dos artigos de 1924, 1935f, 1941, 1940a, 1949a, 1930h, 1939, 1945, 1935c, 1940b, 1935e, 1935d, precedidos de uma introdução. Traduzido para o português em RADCLIFFE-BROWN, 1973).

- 1956 — "On Australian Local Organization." *American Anthropologist*. N.S. v. LVIII, n.º 2.
- 1957 — *A Natural Science of Society*. The Free Press, Glencoe & The Falcon's Wing Press.
- 1958 — *Method in Social Anthropology*. Organização e Introdução de M. N. Srinivas. Chicago/London, The University of Chicago Press. (Republicação dos artigos de 1923a, 1930g, 1931a, 1944, 1952a e o trabalho inédito "Social Anthropology", originalmente preparado como a primeira parte de um projetado livro introdutório sobre Antropologia Social. (Em espanhol: *El método de la Antropología Social*. Trad. de Carlos Manzano. Barcelona, Editorial Anagrama, 1975).
- 1973 — *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Petrópolis, Ed. Vozes. (Traduzido de RADCLIFFE-BROWN, 1952b).

Bibliografia sobre Radcliffe-Brown

- EGGAN, F. (org.). *Social Anthropology of North American Tribes*. Chicago, University of Chicago Press, 1937. Ver especialmente a "Introdução" de Robert Redfield. Na segunda edição (1955) deste livro, Sol Tax e Fred Eggan acrescentaram dois artigos importantes para avaliar a influência de Radcliffe-Brown: "From Laitau to Radcliffe-Brown: A Short History of the Study of Social Organization" e "Social Anthropology: Methods and Results", respectivamente.
- . e WARNER, W. Lloyd. "Obituary note on Radcliffe-Brown." *American Anthropologist*. v. LVIII, 1956, n.º 3, p. 544-47.
- ELKIN, A. P. "A. R. Radcliffe-Brown, 1880-1955." *Oceanica*. v. XXVI, 1956, n.º 4, p. 239-51.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Social Anthropology*. London, Cohen & West, 1951. (Edição em espanhol: *Antropología Social*. Buenos Aires, Editorial Nueva Visión, 1957).
- FERNANDES, Florestan. *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959. Ver parte III, especialmente p. 221-34.
- FIRTH, R. "Contemporary British Social Anthropology." *American Anthropologist*. N.S. v. LIII, 1951, p. 474-89.

- . "Alfred Reginald Radcliffe-Brown, 1881-1955." *Proceedings of the British Academy*. London, Oxford University Press, 1957. v. XLII.
- FORTES, M. *Social Anthropology at Cambridge since 1900*. Cambridge, Cambridge University Press, 1953.
- . "Radcliffe-Brown's Contributions to the Study of Social Organization." *British Journal of Sociology*. v. VI, 1955, n.º 1. (Tratase da apreciação dos artigos de RADCLIFFE-BROWN, 1952b).
- . "Alfred Reginald Radcliffe-Brown, F. B. A., 1881-1955: A Memoir." *Obituario*. *Man*. v. LVI, 1956, n.º 172, p. 149-53.
- . (org.). *Social Structure: Studies Presented to Radcliffe-Brown*. Oxford, Clarendon Press, 1949. Ver o "Prefácio".
- LOMBARD, Jacques. *L'Anthropologie britannique contemporaine*. Presses Universitaires de France, 1972. Ver a segunda parte.
- LOWIE, R. H. *The History of Ethnological Theory*. Farrar & Rinehart, Inc., 1937. p. 221-29. (Em espanhol: *Historia de la Etnología*. México, Fondo de Cultura Económica, 1946. p. 270-79. Em francês: *Histoire de l'Ethnologie classique des origines à la 2^e guerre mondiale*. Paris, Petite Bibliothèque Payot, 1971. p. 201-07).
- MURDOCK, G. P. "British Social Anthropology." *American Anthropologist*. v. LIII, 1951, p. 465-73.
- RUBBO-MÜLLER, Antônio. "Alfred Reginald Radcliffe-Brown." *Sociologia*. São Paulo. v. IV, 1942, n.º 3, p. 203-13. (Transcrito com emendas no *Boletim Bibliográfico*. São Paulo, Publicação da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, v. IV, 1944. p. 81-89).
- Srinivas, M. N. (org.). "Introdução." In: RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Method in Social Anthropology*. Chicago/London, The University of Chicago Press, 1958. p. IX-XXI.

